

A Educação dos Surdos no Século XIX

Verônica dos Reis Mariano Souza

Resumo

Este trabalho discorre sobre a educação dos surdos no Brasil, durante o período de 1868 a 1896, e tem a compreensão de que os surdos enfrentam outro silêncio, aquele que ainda persiste quanto à história de sua educação. Seu tema é a primeira instituição de educação de surdos do Brasil, que, no início, chamava-se Imperial Instituto dos Meninos Surdos e, hoje, Instituto Nacional de Educação dos Surdos, (INES). Por conseguinte, além de considerar fragmentos importantes para uma reflexão sobre historiografia da educação de surdos, é direcionado um foco de luz à atuação do médico Tobias Rabello Leite, como diretor da referida Instituição, no período estudado. Esse sergipano teve um papel primordial na organização, implantação e ampliação de um expressivo trabalho pedagógico desenvolvido naquele Instituto. Ademais, foi necessário correlacionar aspectos da cultura educacional do final da época imperial e do início da republicana. O levantamento da documentação foi realizado em fontes primárias e secundárias, atentando-se para alguns aspectos gerais dos métodos de ensino então utilizados.

Palavras-chave: surdez, educação, história.

The Education of the Deaf in Century XIX

Abstract

This work expatiates about the education of deaf in Brazil, during the period from 1868 to 1896, and understands that the deaf faces another silence, that which still persists about the history of their education. Its theme is the first institution of education of the deaf in Brazil, that, in the beginning, was called Instituto Imperial de Educação de Meninos Surdos and, today, the Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Therefore, besides fragments considered important for a reflection on education historiography of the deaf, is concentrates torchlight in the performance of the physician Tobias Rabello Leite, as a director of that institution, in the period studied. This “sergipano” had a primordial function in the organization, deployment and expansion of an expressive work developed in that educational institute. Moreover, it was necessary to correlate aspects of the educational culture, considering the end of the imperial era and the beginning of the First Republic. The survey of the documentation was executed in primary and secondary sources, is looking for some general aspects of teaching methods used then.

Keywords: deafness, education, history.

Os surdos enfrentam um silêncio concreto, devido à falta de audição e outro, imaterial, relativo a sua história educacional, que vem desde a ereção do Imperial Instituto dos Meninos Surdos, marcada por discussões sobre qual a melhor abordagem metodológica para promover a proficiência educacional do deficiente auditivo. Esse Instituto passou por várias denominações, desde Imperial Instituto dos Meninos Surdos passando a Instituto dos Surdos Mudos e, atualmente, Instituto Nacional de Educação dos Surdos. Podemos considerá-lo desde seu início como uma escola moderna, fazendo uso de equipamentos e método avançados na época. Isso se deve a uma figura singular e pouco lembrada: Tobias Rabello Leite.

Portanto, pretende-se, neste trabalho, discutir sobre a importância da primeira instituição de educação de surdos brasileira no período de 1868 a 1896, compreender a atuação de Tobias Leite como promotor das primeiras tentativas bem estruturadas para educação dos surdos brasileiros no século XIX e contribuir para a inserção da história da educação dos surdos na historiografia educacional. Para o desenvolvimento da pesquisa, vale lembrar que os dados foram coletados, principalmente, em fontes primárias como jornais, reportagens, relatórios e livros editados no período em questão. O fato é que, apesar de seu importante trabalho frente ao Instituto dos Surdos-Mudos, de sua atuação na epidemia de cólera que assolou Sergipe em 1855 e, também, como parlamentar por Sergipe, o nome Tobias Rabello Leite permanece desconhecido por muitos, principalmente, em sua terra natal.

Ele nasceu em Riachuelo, Sergipe, e foi uma figura importante na segunda metade do século XIX, gozando da estreita amizade do imperador D. Pedro II. Blake (1902, p. 203) informa (1902, p.302) que, como médico, trabalhou para socorrer os afetados pela febre amarela em sua época. Porém, seu principal papel, sem dúvida, foi o de estruturar a primeira escola de surdos brasileira, sendo responsável pelo alvorecer de uma bibliografia nacional a respeito da educação de surdos. Bittencourt (1912, p. 168), ao descrever suas características físicas e morais, apontou-o como um homem de talento, de grande sa-

ber e probidade exemplar, baixo na estatura e forte na compleição, que disse ao representante do presidente da República, no dia em que, naquele Instituto, inaugurava-se o retrato do monarca deposto: “Este Instituto foi fundado por Pedro II, com escassos recursos do seu bolsinho, amparando-o sempre contra a ignorância de muitos, protegendo-o contra a má vontade de alguns”.

Sobre a relação entre Tobias Leite e o Instituto dos Surdos-Mudos, encontra-se em Santos Filho e Castro (1910), Fontes (1978), Blake (1902) a seguinte assertiva: “[...] estabelecimento, pode-se se dizer, por ele fundado e por ele elevado a ponto de trazer honra ao Brasil”. Todavia, segundo Rocha (1997), o Dr. Tobias Rabello Leite não foi, de fato, o fundador do instituto, mas Ernest Huet, um surdo francês, que chegou ao Rio de Janeiro, em 1855, com o objetivo de fundar, por determinação do imperador, uma escola para pessoas surdas.

No entanto, Bueno (1993), citando Lemos (1981, p.45), informou que o Instituto dos Surdos-Mudos, com Huet entrou em uma grave e profunda crise, apenas com um ano de funcionamento. A crise só começou a ser resolvida depois de 1867, a partir de uma inspeção realizada por Tobias Rabello Leite. A partir de 1868, agora com o próprio Tobias Rabello Leite à frente da direção do instituto, a educação dos surdos brasileiros passou a receber, de fato, um trato mais acadêmico, sistematizado, e com divulgação. Foram obras produzidas por Tobias Leite: “Notícia do Instituto dos Surdos-Mudos” (1871), reeditada em 1876, 1877 e 1887; “Compêndio para o ensino de surdos-mudos” (1881); “Lições de Metrologia” (1875); “Salvaguarda do surdo-mudo brasileiro” (1876); “Noções de língua portuguesa para surdos-mudos”, (1871); Contos morais para surdos-mudos (1877, tradução) e “Regimento Interno dos Surdos-Mudos” (1877).

Mesmo sendo uma novidade, a única escola para surdos do Brasil, apesar de custeada pelo poder público e receber total apoio do Imperador D. Pedro II, o Instituto atingia um número reduzido de alunos (ROCHA, 1977) e enfrentava muitas dificuldades para atingir a clientela-alvo em seu entorno. De fato, um recenseamento dava conta de que, no Rio de Janeiro, havia pelo menos 209 surdos, sendo 80 com capacida-

de para receber instrução. No entanto, desde sua fundação até 1873, o Instituto recebeu apenas 101 alunos, dos quais apenas 71 foram educados. Tobias Rabello Leite lamentava-se dizendo:

O estabelecimento está preparado para receber e educar 100 alumnos internos e número illimitado de externos. O número de alumnos ainda não excedeu 33. Não obstante os esforços empregados para virem em maior número, Circulares do Ministério do Império aos Presidentes das províncias, pedidos da Direção aos Bispos, aos Vigários e ao público, tudo tem sido infructifero (LEITE, 1887, p. 10).

Tobias Rabello Leite também se dedicou à profissionalização dos surdos nas oficinas do instituto, com base numa perspectiva, como relatou, em 1874, Manuel Francisco Correia comissário do governo na época:

A freqüência no instituto é, entretanto, de grande utilidade, porque com a instrução primária e a profissional que podem adquirir os surdos-mudos tornam-se cidadãos úteis e laboriosos, e não se ocultam, como os que envergonhados de sua inferioridade pela privação da audição e da palavra, e pela absoluta falta de conhecimento, não se afeiçoam à vida social e concentram-se no lar doméstico (CORREIA, 1874).

Nesse relatório percebe-se que o deficiente auditivo, até então era considerado como uma pessoa inútil, envergonhada pela privação da língua falada e pela falta de conhecimento. Seria, pois, através de uma profissionalização, conseguida com freqüência ao instituto, que o surdo se tornaria um cidadão útil e laborioso. Certamente, a visão higienista do século XIX teve influência na concepção de escola e de aluno, interferindo, desse modo, não somente na cultura escolar, mas nas próprias edificações que lhe foram destinadas, no currículo e em tantos outros aspectos, como mostra Escolano:

Na segunda metade do século XIX, o espaço-escola se incorporou, assim como a moradia, aos preceitos do higienismo, e mais tarde às exigências do conforto e da tecnologia. Essa evolução não veio determinada apenas pelas inovações pedagógicas, mas também pelas exigências das transformações culturais associadas ao industrialismo, ao positivismo científico, ao movimento higienista e ao taylorismo (ESCOLANO, 2001, P. 46, 470).

Aliás, verifica-se estreita ligação entre o exercício da Medicina e o da chamada Educação Especial, desde o século XVI. Soares (1999) referiu-se à forte atuação dos profissionais médicos no processo educacional dos surdos desde a Europa nesse período. No Brasil, destacaram-se Tobias Rabello Leite e Joaquim Menezes Vieira como atores da educação dos surdos, no século XIX. O próprio Tobias Leite defendia que a educação dos surdos, por causa de sua especificidade, deveria mesmo ser ministrada por um médico com vocação para a educação. Disse assim:

As habilitações para ensinar linguagem articulada, e da leitura sobre os lábios, não se adquirem lendo os poucos livros sobre o assumpto, só vendo praticar e praticando sob a direção de bons mestres é possível adquiri-las, sendo muito conveniente que a pessoa que se dê a esse difícil ensino tenha conhecimentos aprofundados da anatomia e da physiologia dos órgãos da palavra. Por esta razão, si me fosse permitido intervir na escolha da pessoa que tivesse de ir habilitar-se, eu aconselharia que fosse um médico que tivesse manifesta e aprovada aptidão para o magistério (LEITE, 1874).

Em vista disso, sob sua orientação, o professor que ocupou a cadeira de "Linguagem Articulada" foi, exatamente, Menezes Vieira, um médico. De acordo com Bastos (2002), o doutor Menezes foi não somente mais um professor do Instituto dos Surdos, mas também

diretor do “Pedagogium” e fundador do “Colégio Menezes Vieira”. Essa valorização do médico no ambiente escolar também foi percebida no relatório de 1884, do comissário de governo Manuel Francisco Correia.

A concepção de medicina preventiva do doutor Tobias Leite era avançada para sua época. Fez parte do grupo de médicos que lutaram contra as freqüentes epidemias causadas pela falta de saneamento básico da capital do Império. De acordo com o doutor Tobias, o índice de mortalidade, no instituto, era muito baixo por causa das medidas de higiene e da qualidade da alimentação oferecida.

Ainda com relação ao projeto de higienização, iniciado na segunda metade do século XIX, Gondra (2000) afirmou que a preocupação com a higiene escolar tinha como objetivo diminuir a miséria do povo, o que não combinava com os anseios da elite moderna e de uma nação civilizada. A estreita relação entre Educação e Medicina também ficou muito evidente nas teses defendidas pelos doutores da então Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Observa Gondra:

[o] enfoque dado às questões educacionais encontra-se recoberto pelas contribuições da “Hygiene”, como já indicado de modo explícito em alguns títulos. Este ramo da ciência médica foi o que mais intensiva e prolongadamente colaborou para unificar as prescrições médicas, no que diz respeito às representações acerca da escola e dos sujeitos escolarizadores e escolarizáveis; respectivamente, professores e alunos. (GONDRA, 2000. p. 104).

Durante os vinte e oito anos em que dirigiu o Instituto dos Surdos-Mudos, Tobias Rabello Leite empenhou-se para divulgar a importância dessa escola e lutou contra a crença nutrida por alguns, a de que a educação dos surdos-mudos “é um luxo das nações civilizadas”. A isso, acrescentou-se como indicativo de seus esforços:

Não me limitei a isso: tendo notado que muitas pessoas, aliás, ilustrados, ou pelo

menos de elevada posição social, duvidavam da possibilidade dos surdos-mudos receberem instrução literária, extraí da melhor obra que conheço para o ensino desses infelizes, a do ilustre professor Vallade Gabel, um compêndio para o ensino da língua portuguesa; mandei-o imprimir a minha custa, e distribuí gratuitamente quatrocentos exemplares pelas províncias em que maior numero há de surdos-mudos, reservando o restante da edição para o serviço do Instituto, por ser o único livro deste gênero que existe em nossa língua. Mais teria feito neste sentido, si tivesse recursos na razão dos meus desejos (LEITE, 1870).

Tobias Leite, em seu “Relatório do Diretor”, apresentado em 31 de Março de 1874, apontou os objetivos do curso do instituto e as dificuldades com relação à proficiência em língua portuguesa:

O surdo-mudo que completar o curso de estudos no Instituto, além de saber ler, escrever corretamente, e as operações arithmeticas mais necessárias na vida commum, levará noções de geometria e de agrimensura, de geographia, de história pátria, das artes mecânicas, das sciencias naturais, e dos seus deveres e direitos como cidadãos com essa instrução, mais ou menos, perfeita conforme as intelligencias (LEITE, 1874).

A “instrução literária”, oferecida no instituto, era dada, no mínimo, em seis, e, no máximo, em oito anos, compreendendo o ensino da Língua Portuguesa por meio da escrita, da Aritmética, da Geografia, da História do Brasil e de noções da História Sagrada. O método de ensino da Língua Portuguesa foi extraído dos métodos em uso nos institutos da Europa. Com relação à profissionalização dos surdos, para os que residissem em áreas urbanas, os ofícios priorizados seriam artes e oficinas, uma vez que podiam ser exercidos em qualquer cidade; já a agricul-

tura seria o ofício àqueles que moravam no campo. Tobias Rabello Leite, portanto, comungava a opinião de que a agricultura era a profissão que mais convinha ao surdo brasileiro:

A educação profissional é dada por hora: Na oficina de sapateiro, que faz todo o calçado necessário para os alumnos e os particulares encomendão; na oficina de encadernação, que encaderna os livros das Repartições Públicas e particulares. [...] Na vasta chácara em que está o estabelecimento todos os alumnos, das seis às 8 horas da manhã ocupão-se em cultivar o jardim e a horta, que fornecem variados e abundantes legumes para sua alimentação, e em aprender a plantar, tratar e colher a canna, o café, o algodão, o fumo, o milho, o feijão e a batata. (LEITE, 1877, p.8).

Acontece que as atividades agrícolas, no século XIX, eram consideradas menos dignas, pois estavam relacionadas ao trabalho escravo. Para Faria Filho (2000), havia, no final do período imperial, uma intensa discussão acerca da escolarização das chamadas “classes inferiores”: a necessidade e pertinência, ou não, da instrução dos negros livres, dos escravos, das mulheres. Sempre lutando pela divulgação e pelo acesso do surdo ao instituto, Tobias Rabello Leite apontou a necessidade urgente de uma educação para as camadas mais pobres do país.

O discurso da elite intelectual, composta por médicos e outros profissionais, estava voltado para o sucesso dos países civilizados. A atuação dos profissionais:

[...] não só da medicina, mas também da educação e da engenharia, foi cada vez mais sendo encarada como fundamental pela elite dirigente. Em um contexto de mudanças rápidas como o da virada para o século XX, em que se procurava transformar o país, tendo como “dogma” a ciência e a técnica e como modelo de cidade e sociedade a Europa (e posteriormente os

EUA), os intelectuais apresentavam-se como aqueles que ofereciam um novo “intelectual” que garantia um passaporte em direção ao mundo civilizado (HERSCHMANN, KROPF, NUNES, 1996, p.23).

Algo notável na história da educação dos surdos brasileiros alude à criação do “Museu Escolar do Instituto dos Surdos-Mudos”, através do Decreto-Lei nº 890/1880, com objetos oferecidos pelo imperador, D. Pedro II, para o então diretor:

Nas mãos de um professor ilustrado e zeloso o Museu escolar não se presta só ao ensino de nomenclatura, usos e utilidade dos objetos que o compõe, presta-se pelo método intuitivo a dar de quase todas as ciências noções ao alcance da compreensão dos meninos, e que lhe são de muito proveito não só para sua educação moral como para as necessidades da vida. Se não me faltarem os meios perseguirei no empenho de desenvolvê-lo tanto quanto for exigido pelo ensino dos alunos do Instituto (MELO, 1880, p.54).

Com relação ao método intuitivo, que priorizava o ensino através dos sentidos, utilizava-se vasto material, invariavelmente apresentado pelo professor (mapas, selos, gravuras etc.). O barão, Homem de Melo, afirmou que o museu prestava para dar noções de quase todas as disciplinas, facilitando a compreensão dos alunos. Tobias Rabello Leite, no relatório de 1883, afirmou que o ensino, como nos anos anteriores, progrediu por meio da escrita e pelo método intuitivo.

Além da organização do museu pedagógico, Tobias Leite participou ativamente das Exposições Internacionais, inclusive contribuindo financeiramente para a realização como divulgando o Instituto dos Surdos - Mudos através de livros e artefatos dos alunos.

Em seus relatórios, Tobias Leite fazia mapas com os principais dados a respeito do aluno. Alguns desses dados eram, até, de caráter confidencial, como o

estado físico e intelectual, se filho legítimo ou natural. Nesse caso, constata-se que, no século XIX, a linhagem familiar era, de fato, motivo de *status*. Com efeito, nos diplomas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sempre aparecia a filiação acompanhada do adjetivo “legítimo”. Provavelmente, a citação do estado físico e intelectual do surdo, como, por exemplo, “robusto e pouco inteligente”, tentava estabelecer uma relação entre esse estado e o grau de surdez.

Com relação aos materiais didáticos e ao método de ensino adotado Leite, (1875, p.78-79), informou:

Para auxílio e complemento desse ensino intuitivo e visual, possui o estabelecimento uma numerosa coleção de selos de origem alemã e francesa representando acções, factos e scenas da vida real no mundo exterior, e bem assim de um aparelho para o ensino da arithmetica, de collecção completa de pesos e medidas do systema métrico, de figuras geométricas de madeira, mappas e globos geographicos (LEITE, 1877, p. 6-7).

Consciente das dificuldades da educação dos surdos, Tobias Rabello Leite ressaltava que o programa do instituto teria que ser desenvolvido na medida das possibilidades dos alunos e que a finalidade do curso de seis anos não era a de formar homens de letras. As ambigüidades e contradições sobre qual a melhor pedagogia para ensinar aos surdos perpassou a gestão do doutor Tobias. No início de sua gestão, ele adotou a Língua de Sinais, considerando-a como o melhor meio para ensiná-los. Depois dos congressos internacionais, no final dos oitocentos, o instituto passou a utilizar linguagem articulada, isto é, o ensino da língua oral para os surdos. No início da República, no entanto, o ensino através da linguagem articulada passou a ser questionado.

É interessante notar que havia certa ambigüidade na orientação inicial do Instituto dos Meninos Surdos, através de Tobias Leite, com relação ao método de ensino. Primeiramente, em 1875, ele publicou o livro de um aluno do instituto, Faustino José da Gama, que se intitulava “Iconografia dos sinais dos

surdos-mudos”. Rocha, (1997, p. 31), informa que na apresentação desse livro, Tobias Rabello Leite afirmava que o objetivo dele era vulgarizar a língua de sinais, meio predileto dos surdos para manifestar seus sentimentos. Já em seu livro, “Notícias do Instituto dos Surdos–Mudos, constava: “Nós, e comnosco os Americanos e Ingleses, procuramos tirar proveito da escripta e da palavra articulada, pois que nosso fim é que o surdo-mudo se comunique com os seus considadãos pelo meio que lhe for mais commodo” (LEITE, 1877, p.11).

Nogueira (2001, p. 8) demonstrou que, a partir da influência dos congressos internacionais que oficializaram o ensino da língua oral na educação dos surdos e da crítica do professor Menezes Vieira, a respeito da prática educativa da linguagem escrita no ensino dos surdos, o instituto passou a enfatizar a disciplina “Linguagem Articulada” para a educação de todos os alunos. Contudo, verifica-se que o esforço histórico para educar o surdo pelo método oral não contribuiu para sua proficiência em língua portuguesa, nem para seu acesso ao currículo escolar. Tobias Rabello Leite chegou a esta conclusão, com relação à língua portuguesa:

É verdade que o surdo, que termina sua educação aqui, não é capaz de redigir com perfeição nem de satisfazer a todas as perguntas que lhe fizerem fora das fórmulas mais usuas da conversação. A muitos parecerá que se dá por ignorância ou por defeito da instrucção, mas não é, por diversas razões, só apreciáveis pelos habitados ao ensino dos surdos (Ibidem, p. 25).

Durante a gestão de Tobias Rabello Leite, em vários momentos, houve a discussão a respeito da melhor metodologia a ser usada na educação dos surdos. Menezes Vieira, por exemplo, no parecer do Congresso de Instrução, criticou duramente o ensino da linguagem escrita no instituto. Assim, perpetuou-se a discussão a respeito da melhor metodologia para a educação do surdo brasileiro que continuou sem acesso ao importantíssimo bem cultural da humanidade que é a escrita.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Maria Helena Câmara. **Pro pátria laboremus**: Joaquim Menezes Vieira (1848-1894). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- BITTENCOURT, Liberatto. **Brasileiros ilustres**: em todos os ramos da actividade e do saber de 1500 aos nossos dias. Sergipanos ilustres. Rio de Janeiro: s/ed., 1913.
- BLAKE, Augusto Vitorino. A. Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**, 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.
- BUENO, José Geraldo Silveira. **Educação Especial brasileira**: integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 1993.
- CORREIA, Manuel F. **Relatório do comissário do governo**. Rio de Janeiro: 1874.
- ESCOLANO, Augustin. “Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo”. In: VIÑAO FRAGO, Antonio, ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
- FARIA FILHO, L. M. “Instrução elementar no século XIX”. In: LOPES, Eliane M. T.; VEIGA, Cynthia. G. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 135-149.
- GONDRA, José G. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarisse. **Missionários do progresso**: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro – 1870-1937. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- LEITE, Tobias Rabello. “Relatório do diretor”. In: **Jornal do Aracaju**, Aracaju, 31 mar. 1874
- _____. **Notícia do Instituto dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E e H. Laemert, 1877.
- NOGUEIRA, Marlene. “Artes visuais e os surdos no Brasil do século XIX”. In: **Espaço**: Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, n. 15, jan./jun. 2001.
- ROCHA, Solange. “História do INES”. In: **Espaço**: edição comemorativa dos 146 anos. Belo Horizonte: Litera, 1997.
- SOARES, Maria. Aparecida Leite. **A educação dos surdos no Brasil**. Campinas: Autores Associados: Bragança Paulista: EDUSP, 1999.

Sobre a autora:

Verônica dos Reis Mariano Souza é professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia.